

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- UFMA
LINCENCIATURA LINGUAGENS E CÓDIGOS- LÍNGUA PORTUGUESA
CAMPUS SÃO BERNARDO

KARINA WILLE BRITO E SILVA

**A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM AUTISMO NA ESCOLA MUNICIPAL
ANTÔNIO BATISTA VIEIRA EM MAGALHÃES DE ALMEIDA-MA**

São Bernardo- MA

2019

KARINA WILLE BRITO E SILVA

**A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM AUTISMO NA ESCOLA MUNICIPAL
ANTÔNIO BATISTA VIEIRA EM MAGALHÃES DE ALMEIDA-MA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Maranhão para a obtenção do título de Licenciada em Linguagens e Códigos, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dra. Rachel Tavares
Morais

São Bernardo- MA
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Karina Wille Brito e.

A APRENDIZAGEM DE ALUNOS PORTADORES DO AUTISMO NA
ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO BATISTA VIEIRA / Karina Wille
Brito e Silva. - 2019.

60 f.

Orientador(a): Rachel Tavares Moraes.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2019.

1. Aprendizagem. 2. Autismo. 3. Educação Inclusiva.
4. Ensino. I. Moraes, Rachel Tavares. II. Título.

KARINA WILLE BRITO E SILVA

**A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM AUTISMO NA ESCOLA MUNICIPAL
ANTÔNIO BATISTA VIEIRA EM MAGALHÃES DE ALMEIDA-MA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Universidade Federal do Maranhão para a
obtenção do título de Licenciada em
Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dra. Rachel Tavares
Morais

Aprovado em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Rachel Tavares Morais – UFMA (Orientadora)
Doutora em Educação – UFRN

Prof. Me. Rayron Lennon Costa Sousa
Mestre em Letras- Teoria Literatura – UEMA

Prof.^a Dr.^a Maria Francisca da Silva
Doutora em Letras Neolatinas –UFRJ

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus,a minha família que tanto amo e a minha orientadora Rachel que me apoiou e incentivou a não desistir.A todos os meus amigos que me apoiaram sempre que precisei. A minha Universidade querida e a Educação que sempre me fez acreditar em um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado sempre forças para lutar pelos meus objetivos e jamais desistir e iluminar meu caminho com todo seu poder.

A Universidade Federal do Maranhão, por ter me ajudado até aqui, e ter me dado essa grande oportunidade de estudo.

A meus pais, Raimundo Nonato da Silva Filho e Marane das Neves Brito e aos meus irmãos Rayane Brito, Marcos Vambastten e Alice Santos que sempre me ensinaram o caminho do bem, por cada conselho e por terem me incentivado sempre nos estudos.

A minha professora Rachel, por ter me orientado com tanta paciência, pelas vezes que falhei e ela não me deixou desistir sempre me tratando com muita atenção.

Aos meus amigos, Natália Marques, Renê Marques, Marisa Marques, Marcela Aguiar, Taís Carvalho, Elenir Costa e Dicleuma Costa, por sempre estarem ao meu lado me ajudando em momentos que precisei.

Aos gestores e secretários de educação e assistência social da escola de rede pública Escola Municipal Antônio Batista Vieira na cidade de Magalhães de Almeida – MA, que ajudaram para que realizasse a pesquisa de campo, onde ocorreu tudo bem.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

(Cora Carolina)

RESUMO

O autismo na rede regular de ensino está cada vez mais presente na sociedade em que vivemos, mesmo sendo um tema pouco discutido na área da educação. Porém, é devido à demanda de alunos com autismo inseridos no ambiente escolar regular, que muito vem se especulando de como deve ser a educação deste aluno. Tem como objetivo geral analisar as metodologias utilizadas pelos professores no processo de ensino aprendizagem destes alunos. E, dentre os objetivos específicos: investigar sobre o atendimento educacional especializado na inclusão escolar do aluno com autismo. O trabalho foi conduzido numa escola pública municipal de Magalhães de Almeida. A pesquisa foi fundamentada na abordagem qualitativa. A caracterização da pesquisa, segundo os procedimentos técnicos foi de pesquisa de campo objetiva, com realização de entrevista com uso de questionários semi-estruturado. Portanto pode-se dizer que há muito que se fazer nesse processo de ensino/aprendizagem para uma educação inclusiva, de modo que os professores possam construir novos olhares acerca da necessidade de estratégias metodológicas diferenciadas, buscando melhorias no processo de inclusão do aluno autista nos ambientes da escola, mostrando aos docentes que o aluno autista precisa de estímulos e que todos na escola podem colaborar com seu desenvolvimento e socialização.

Palavras-chave: Aprendizagem. Autismo. Educação Inclusiva. Ensino Regular

ABSTRACT

Autism in the regular network of education is increasingly present in the society in which we live, even though it is little known in the area of education. However, it is due to the demand of students with autism inserted in the regular school environment, that much has been speculating on what should be the education of this student. Its main objective is to analyze the methodologies used by the teachers in the learning process of these students. And, among the specific objectives: to investigate on the specialized educational service in the school inclusion of the student with autism. The work was conducted in a municipal public school in Magalhães de Almeida. The research was based on the qualitative approach. The characterization of the research, according to the technical procedures was an objective field research, with an interview using semi-structured questionnaires. Therefore, it can be said that there is much to be done in this teaching / learning process for an inclusive education, so that teachers can construct new perspectives on the need for differentiated and attractive methodological strategies, seeking improvements in the autistic student's inclusion process in school environments, showing teachers that the autistic student needs stimuli and that everyone in the school can collaborate with their development and socialization.

Keywords: Learning. Autism. Inclusive Education. Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	13
2.1 Inclusão escolar: algumas considerações.....	16
3 AUTISMO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	20
3.1 Importância da ação docente na inclusão de crianças autistas.....	21
3.2 Estratégias didáticas com alunos autistas.....	22
4 A ESCOLA PÚBLICA E A ACEITAÇÃO DO ALUNO AUTISTA.....	28
4.1 Desafios na inclusão do aluno autista na escola regular.....	33
5 A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NO ENSINO REGULAR NO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES DE ALMEIDA.....	36
5.1 Dados sobre o campo da pesquisa.....	37
5.2 O autismo na Escola Municipal Antônio Batista Vieira.....	39
6 CONCLUSÃO.....	45

ANEXO – Questionário

APÊNDICE – Respostas dos entrevistados

1INTRODUÇÃO

O autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados. (GADIA, 2006)

A inclusão escolar tem como objetivo inserir, sem distinção, todas as crianças com diferentes graus de comprometimento cognitivo em ambiente escolares regular de ensino, tem o intuito de diminuir os preconceitos e estimular o envolvimento da comunidade escolar para que os mesmos tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento. Assim afirma a Declaração de Salamanca (1994):

“A educação de alunos com necessidades educativas especiais incorpora os princípios já comprovados de uma pedagogia saudável da qual todas as crianças podem beneficiar, assumindo que as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança, em vez de esta a ter de se adaptar a concepções predeterminadas, relativamente ao ritmo e à natureza do processo educativo”. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.7)

Os procedimentos de aprendizagem pelos quais os alunos autistas irão passar devem ser conhecidos e compartilhados pelos pais, para que os mesmos possam orientar e ajudar seus filhos no processo educativo. Os dois ambientes fundamentais onde acontece o aprendizado são na escola e em casa. É importante que os pais trabalhem pela independência de seu filho, para que assim o professor consiga desenvolver metodologias de aprendizagem para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver.

O papel da aprendizagem dos alunos portadores do autismo é de fundamental importância, para que os mesmos consigam desenvolver suas habilidades e competências. A aprendizagem destes alunos deve ter a participação de todos na escola, pois só assim o processo de ensino aprendizagem terá um bom resultado.

É um grande desafio para os pais, professores e a própria sociedade conviver com as diferenças e buscar encontrar maneiras para que se possa ter um resultado eficaz na aprendizagem desses alunos. A participação da família é de fundamental importância e grande parte para que se tenha o resultado esperado no processo de aprendizagem depende disso.

O professor ao se deparar com uma criança com autismo levando em consideração ao cenário em que está inserido, supõe-se que os professores possam não estar aptos para atender as necessidades de alunos com autismo. Dessa forma é

importante pesquisar se os professores estão aptos a cumprir essa demanda de educar essas crianças no processo de ensino aprendizagem. O presente trabalho vai fazer uma breve análise da busca pela aprendizagem de alunos com autismo na Escola Municipal Antônio Batista Vieira, no município de Magalhães de Almeida- MA, busca contribuir com professor na sua formação para melhor ajudar no desenvolvimento da aprendizagem destes alunos.

Pretende estimular na formação continuada do professor em como se deve trabalhar com esses alunos no processo de ensino aprendizagem, esse, baseado em princípios éticos educacionais, tentando assim melhorar a participação da sociedade em geral e primordialmente da comunidade escolar, no que diz respeito ao autismo, participando e conhecendo os instrumentos para um bom resultado no processo de ensino aprendizagem.

Busca-se com esse projeto de pesquisa, ampliar todos os espaços e formas de discussão sobre o autismo nas escolas regulares, para que os objetivos sejam alcançados, e que os esforços empregados nessa atividade, sejam condições necessárias para a melhoria na educação dos alunos com autismo onde eles passaram a ter seus direitos garantidos previsto na Lei nº 12.764 onde prevê que crianças com deficiências educacionais especiais têm direito as políticas de educação de inclusão.

Sendo assim, novas atividades buscam contribuir para expandir o conhecimento de mundo, procurando contextualizar o que se pretende ensinar com a realidade do aluno. Dessa maneira, a escola deve oferecer uma educação de qualidade para alunos com necessidades educacionais especiais, buscando apresentar novas práticas de ensino. Portanto é necessário que a instituição busque novas maneiras de integração e participação para que a aprendizagem desses alunos tenha êxito. Por isso, esse trabalho justifica-se pelo interesse em abordar um tema tão pouco discutido nas escolas onde alguns professores desconhecem como devem trabalhar com esses alunos, o interesse em pesquisar sobre esse tema veio depois dos estágios, onde puder notar a deficiência da instituição em sua estrutura para receber esses alunos e também nas práticas metodológicas nas salas de aulas. Diante das limitações que os alunos com autismo apresentam, é preciso uma aprendizagem que auxilie o aluno autista a também incorporar novos elementos ao seu contexto de mundo. A partir de tudo isso cabe destacar de quanto é fundamental que o aluno com autismo esteja inserido ativamente na sala de aula e o professor forneça em ensino que auxilie positivamente seu desenvolvimento sociocognitivo.

Para isso, buscamos evidenciar as práticas metodológicas no processo de ensino aprendizagem desses alunos, por meio da presente pesquisa, que foi norteada por objetivos, onde, no objetivo geral, optamos por analisar a metodologia dos professores no processo de ensino aprendizagem dos alunos. E com relação aos específicos, optamos em investigar sobre o atendimento educacional especializado na inclusão escolar do aluno com autismo. A pesquisa realizada tem um caráter qualitativo, caracterizada como estudo de caso, na Escola Municipal Antônio Batista Vieira, com o Gestor da escola, o Secretário de Educação e a Secretária de Assistência Social da cidade. O trabalho monográfico está organizado em 4 (quatro) capítulos: o primeiro capítulo denominado “ Histórico da Educação Especial” onde é abordado todos os processos para a educação especial. O segundo capítulo é denominado “Autismo e o Processo de Aprendizagem” no qual aborda a importância do docente e as estratégias neste processo de ensino. E no terceiro capítulo é denominado “A Escola Pública e a Aceitação do Aluno Autista” aborda os desafios na inclusão desses alunos na escola regular.

E no quarto e último capítulo, intitulado “A Inclusão da Criança Autista no Ensino Regular no Município de Magalhães de Almeida” apresenta os dados sobre o campo da pesquisa e o autismo na escola através dos questionários aplicados entre o Gestor, Secretário de Educação e Secretária de Assistência Social. Por último, temos as Considerações Finais a respeito do trabalho, que mostram a necessidade de formação de professores para trabalharem na inclusão, planejamento e desenvolvimento na elaboração de novas práticas metodológicas de interação nas salas de aula da rede regular de ensino. Assim demonstrar como o professor junto com a comunidade escolar podem ser atores na construção de novas metodologias para o processo de ensino aprendizagem de alunos com autismo, onde juntos podem alcançar a finalidade da educação escolar.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

A Educação Especial é uma modalidade de ensino que está caracterizada pelo atendimento a pessoas com necessidades especiais. Isso se confirma pelas discussões em torno das práticas de ensino sobre inclusão, onde tem sido alvo de inúmeros estudos e mudanças. A educação é um direito que todo ser humano deve ter, pois é assim que possibilita as pessoas a conviverem em sociedade.

Desse modo, a inclusão é um processo pelo qual todos os alunos devem estar juntos para que a escola possa se adequar durante esse processo de educação. Pode dizer que a educação especial, assim como no mundo, no Brasil teve seu tempo, tempo esse que ratificou as filosofias educacionais excludentes. De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2007) o atendimento aos indivíduos com deficiência teve seu marco inicial na época do Império em que foram criadas duas instituições: o Instituto dos Meninos Cegos em 1854 e o Instituto dos Surdos Mudos em 1857.

Assim nos finais dos séculos XIV e XX foram surgindo escolas especiais, fazendo com que a sociedade aceitasse que pessoas com necessidades educacionais especiais pudessem receber escolarização adequada. A Declaração de Salamanca (1994) a aprovação da constituição de 1988 e da LDB 1996 deram apoio a educação inclusiva para que a mesma pudesse está inserida no meio educacional. Dessa forma, a educação especial se caracteriza de maneira clara e objetiva alcançando todos os alunos com necessidades especiais, como afirma a Declaração de Salamanca que foi um marco na história da educação especial e na garantia do acesso à educação:

O princípio fundamental desta linha de ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiências e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham, crianças de minorias lingüísticas étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavoráveis ou marginalizadas. (1994, p. 17-18)

Dessa forma, o direito de todos à educação está estabelecido na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, assim a finalidade de ensino é de pleno desenvolvimento para a pessoa tanto na convivência em sociedade como no mercado trabalho. Referindo-se a essas leis afirma-se que:

1. Na Constituição Brasileira: o inciso III do Art. 208 da Constituição Federal fundamenta a Educação no Brasil e faz constar a obrigatoriedade de um ensino especializado para crianças portadoras de deficiência. Este é o texto: “O dever do Estado com educação será efetivado mediante a garantia de: III – Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

2. Na lei de Diretrizes e Bases de 1996: No título III “Do direito à educação e dever de educar”, a LDB diz que o dever do Estado com a educação escolar será efetivado mediante algumas garantias. No seu artigo 4º, inciso III, a lei postula;
3. “Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL 1988, p. 82).

Desse modo, a Constituição 1988 e a LDB de 1996 expressam que a proposta de Educação Especial recomenda-se que todos os alunos estejam inseridos na rede de ensino regular para assim ter uma educação para todos. O processo de inclusão dos alunos especiais nas redes de ensino, não é de hoje que vem sendo discutido e ganhando mais espaço nas escolas, no entanto é algo que, não é fácil de ser aplicado já que o processo que engloba não apenas a escola, mais a sociedade e principalmente a família. Por isso a escola tem a função de receber e ensinar todas as crianças independentes de suas condições físicas, intelectuais ou sociais.

Com isso, a grande luta é a de como construir uma escola de melhor qualidade para todos, e ao mesmo tempo, garantir que as especificidades da educação especial sejam respeitadas. Nessa perspectiva, a Lei nº 9.394/96- Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional prioriza uma nova visão educacional, com a prescrição do artigo 59 dando importância aos alunos com necessidades especiais a adaptação curricular, metodológica e organizacional da escola de acordo com a necessidade de cada pessoa.

No paradigma da Inclusão cabe à sociedade promover as condições de acessibilidade necessárias a fim de possibilitar às pessoas com deficiência viverem de forma independente e participarem plenamente de todos os aspectos de vida. Sendo assim, a educação especial torna-se um direito inquestionável e incondicional, tendo esse princípio à construção para novos marcos legais, políticos e pedagógicos que visam assegurar as condições de acesso e participação de todos os estudantes no ensino regular.

Tendo como objetivo da inclusão todas as crianças na escola, foram publicados, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais- Adaptações Curriculares: estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Observa-se que nesse documento procura oferecer aos professores uma maneira para melhor identificação de alunos que possam necessitar de adaptações curriculares na rede de ensino regular.

Em 2001 foi aprovado o documento Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, que ressalta a importância da educação especial nas escolas rede regular de ensino. Este documento tem como objetivo garantir que os alunos com necessidades especiais sejam incluídos em toda rede de ensino regular, onde é necessário que as instituições se estruturam para trabalhar com esses alunos, oferecendo novas estruturas na parte física e apresentando novas práticas de ensino na parte curricular.

No ano de 2008, foi promulgada a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tendo como objetivo principal:

[...] assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (BRASIL, 2008, p.14).

Tendo visto isto, a educação especial deve estar junto com a proposta pedagógica do ensino regular para que assim o desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais esteja garantido.

2.1 Inclusão Escolar: Algumas Considerações

De acordo com Dainêz (2009), a forma como o sistema de ensino é organizado dificulta a real inserção do aluno com deficiência na prática escolar, é onde se pode observar apenas uma inclusão física deste aluno sem que as suas necessidades básicas de aprendizagens cognitivas tenham sido atendidas, uma vez que acontece toda uma reorganização escolar.

Na atualidade, em relação à formação de professores no contexto de educação especial, surgiu com a necessidade de complementação de currículos dos cursos Formação de Docentes e de outros profissionais e disciplinas que interajam com os alunos com necessidades especiais. É necessário frisar que educação especial é na

verdade um desafio, porém um desafio possível e atingível, mas que precisa de uma série de informações para que ocorra uma transformação no sistema de ensino.

Glat, Pletsch e Fontes (2006) mostram que a Educação Especial foi constituída a partir de uma base com visão médica em que a deficiência era vista como uma doença crônica que deveria ser tratada. Dessa maneira, quando um indivíduo era visto fora do padrão o mesmo era estigmatizados e excluídos da sociedade. Assim o processo de educação especial passou por transformações durante o tempo, conforme podemos analisar nesse trecho:

Para avançarmos nesta discussão, é importante reconhecer que a Educação Inclusiva como hoje a reconhecemos representa a etapa atual do processo de transformação das concepções teóricas e das práticas da Educação Especial, que historicamente vêm acompanhando os movimentos sociais e políticos em prol dos direitos das pessoas com deficiências. (GLAT; PLETSCH; FONTES, 2006, p. 3).

A inclusão escolar para alunos com necessidades educacionais especiais demanda mudanças amplas no sistema de ensino e que vai da gestão educacional até a formação dos professores. No que se refere à formação de profissionais da educação, no que diz respeito a inclusão, o Conselho Nacional da Educação estabelece que as instituições de ensino superior devem melhorar seus currículos para que possibilite aos futuros professores compreendam que cada aluno possui características e especificidades próprias.

Deste modo, conforme Brasil 2007 deixa claro que a educação inclusiva é a confirmação dos direitos humanos. Por isso, a educação especial “[...] é uma ação política, social, cultural, social e pedagógica, em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação” (BRASIL, 2007, p.2).

Em 2015 foi promulgada a Lei Brasileira de Inclusão, onde apresenta diversos pontos relacionados à inclusão. No capítulo IV, a lei apresenta que os avanços da educação trouxeram diversos pontos importantes, sobre como as escolas estavam proibidas de cobrar valores para implantar recursos adicionais nas escolas.

Sendo assim, à prática da educação inclusiva merece todo um cuidado específico para atender cada diferença em todas as suas potencialidades, pois se trata do futuro de alunos com necessidades educacionais especiais. Para incluir é necessário observar se os objetivos dessa inclusão, os benefícios e avanços poderão estar presentes na rede regular de ensino de modo eficaz.

Vale destacar, que a proposta da Educação Inclusiva foi deflagrada pela Declaração de Salamanca, na qual destacou a importância do direito à educação para todos, independente das diferenças individuais.

Para a educação inclusiva Werneck(2002) enfatiza a compromisso de uma sociedade inclusiva que se mostre interessada no processo de integração dentre as quais se inserem alunos com necessidades educacionais especiais para que assim os mesmos possam conseguir alcançar todos os seus objetivos. Em sua concepção, o autor discorre que:

É fundamental equiparmos as oportunidades para que todas as pessoas, incluindo portadoras de deficiência, possam ter acesso a todos os serviços, bens, ambientes construídos e ambientes naturais, em busca da realização de seus sonhos e objetivos (2002, p. 41).

Dessa maneira, vale destacar que a Educação Especial hoje juntamente com o sistema educacional identificou dificuldades na formação de alunos com necessidades educacionais, com isso a inclusão desses alunos na rede de ensino regular mostra que o sistema educacional pretende formar cidadãos mais conscientes e participativos buscando sempre melhorar suas habilidades no meio educacional e na sociedade.

Dessa forma os professores têm como papel fundamental referente à inclusão a busca por uma educação onde esses alunos possam acreditar nas suas possibilidades de avanços acadêmicos, fazendo com que a escola busque se renovar se mostrando mais solidários e acolhedores diante das diferenças.

Vale ressaltar que os alunos têm direitos iguais, independente das características, interesses e necessidades individuais. A Declaração de Salamanca (1994) deixa claro que a escola deve oferecer os serviços adequados para atender à diversidade da população.

De acordo com esse documento, as crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas regulares, nas quais, seguindo uma orientação inclusiva, devem assumir a responsabilidade de combater atitudes discriminatórias oferecendo um ensino de qualidade.

Nos documentos da Declaração Mundial da Educação para Todos (1990) e Declaração de Salamanca (1994) é evidenciada a formulação de políticas públicas no que diz respeito à inclusão na educação. Nessas perspectivas sobre políticas públicas na educação inclusiva acrescentam:

De longa data, a educação nacional vem mostrando o quanto necessita de mudanças para atender a todos os alunos, garantido o desenvolvimento escolar destes, e como nesse sentido, a vontade política para enfrentar um programa em favor das transformações de qualidade tem sido preferida pela opção por políticas que a um custo que não exija ampliação significativa da participação da educação na renda nacional e no orçamento público, privilegiam intervenções que tem sido compensatórias ou orientadoras para ações que possam mostrar números indicativos e maior acesso e permanência dos alunos no sistema escolar (FERREIRA & FERREIRA, 2004, p.33).

Dessa forma, o processo de inclusão escolar, tais como a elaboração de políticas públicas voltadas para a educação mostra-se que para que isso de fato aconteça é necessário uma completa reestruturação na instituição escolar de uma maneira democrática para que assim se tenha uma realidade de fato igualitária com todos independentemente de suas diferenças educativas onde todos possam ter suas habilidades cognitivas desenvolvidas igualmente na rede regular de ensino.

O processo da Educação Especial deixa claro que se deve repensar no sistema educacional. Alunos com necessidades educacionais podem ter uma educação onde os mesmos tenham avanços mostrando seus aprendizados desenvolvidos no âmbito escolar.

Para que se tenha a inclusão o trabalho deve acontecer no processo de formação dos professores, recursos financeiros para as modificações necessárias na escola, e principalmente, com a mudança no olhar para as diferenças existentes no meio educacional. As mudanças à inclusão na escola precisam acontecer a partir de uma reflexão onde todos os profissionais que atuem na escola compreendam e apoiem esse processo.

A relação entre desenvolvimento e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais demanda um grande esforço e oportunidades concretas de ensino que passa justamente pelo estreitamento das relações entre a comunidade escolar e esses alunos, fazendo com que assim aconteça o desenvolvimento de ambas as partes para que de fato ocorra a inclusão ~~destes alunos~~ na rede de ensino regular. Para isso o processo de inclusão precisa ter toda uma reformulação na organização e funcionamento das escolas. Assim Lima (2006, p.63) afirma que:

A inclusão, portanto, não é algo que se fala, mas algo que se vive, intensa e conscientemente, contínua e tenazmente, concreta e francamente. A inclusão é a participação de todos pelo todo, com todos. A inclusão não é uma mera teoria da moda, mas uma atitude de vida; uma expressão de sociedade e cidadania; uma compreensão de que todos os seres humanos são humanos sem distinção.

A partir do exposto pelo autor, a inclusão escolar se dá na medida em que as possibilidades são viabilizadas na inserção e na participação ativa desses alunos que possuem necessidades educacionais especiais no meio social no qual eles se encontram, garantindo a eles o acesso aos bens culturais da sociedade.

A busca por um sistema flexível para todos parece ser de um grande desafio para aqueles que lutam para que isso aconteça, mas para que isso ocorra devemos saber se os docentes junto com todos da rede de ensino estão preparados para alcançar esse objetivo, tendo em mente que isso requer um desejo de todos deixando claro que é isso que faz uma sociedade mais justa e igualitária para todos em estão inseridos no meio social.

Portanto, a Educação Especial de qualidade só acontecerá se atender as demandas que este ensino exige a comunidade escolar precisa não só aceitar, mas valorizar as diferenças resgatando os valores e o respeito do aprender dentro do espaço escolar.

3 AUTISMO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A educação escolar do aluno com autismo é exigido que docente e a escola adotem um sistema que possam incluir e adaptar esse aluno na rede de ensino regular apesar desse sistema não ser encontrado na maioria das escolas brasileiras.

A rede escolar de ensino se torna inclusiva quando vai reconhecendo que a instituição possui toda uma diversidade em cada aluno presente no ambiente escolar, para que haja respostas nas práticas metodológicas para se ter uma educação inclusiva é preciso que os professores atendam as peculiaridades desses alunos e que os mesmos possam adequar novos elementos nas salas de aula.

Fonseca (2005) destaca que o maior desafio para uma educação inclusiva são as barreiras presentes no processo educacional, ressaltando a falta de adaptação das escolas regulares e de professores que não recebem qualificação necessária para trabalhar com alunos com deficiência em sala de aula e a discriminação e o preconceito encontrado na sociedade em que vivemos.

Assim, quando o assunto é a educação o mesmo mostra que a rede de ensino precisa passar por toda uma reconstrução a fim de que o ensino destes alunos tenha uma

estrutura que procure atender a todos, procurando melhorar as práticas metodológicas de ensino.

Para que se tenha uma educação inclusiva é necessário que os professores, juntamente com a comunidade escolar, procurem estar preparados e comprometidos com a qualidade do ensino desses alunos afim de que os mesmos possam de fato estar incluídos no processo de ensino aprendizagem, ainda que inclusão esteja inacabada, precisa-se que todos na escola estejam dispostos a melhorar o ensino com alunos que possuem deficiência.

3.1 Importância da Ação Docente na Inclusão de Crianças Autistas

No Brasil, a integração e a inclusão possuem significados diferentes, podendo até confundir os profissionais da educação. Na integração é investida a possibilidade de crianças com necessidades especiais educacionais frequentem escolas de ensino regular. Na inclusão deve se assegurar a permanência desses alunos tendo uma preparação adequada para os docentes.

A educação inclusiva vem ganhando cada vez mais espaço na rede de ensino regular, onde as políticas públicas devem procurar garantir o direito desses alunos ao ensino de qualidade, mesmo que para isso exija um processo de planejamento educacional levando em consideração a sociedade atual que tenha preconceitos.

O professor deve buscar novas alternativas metodológicas que melhor procure atender as necessidades destes alunos, sendo que os mesmos devem conhecer seus alunos para que assim o processo de aprendizagem deles se torne cada vez mais significativo facilitando o ensino no processo de construção para uma educação inclusiva de qualidade.

Assim o docente que estiver em uma sala de aula com alunos que possuem uma deficiência não pode rotular seus alunos, buscando sempre romper esta visão ele deve buscar novas práticas que possibilite fazer trocas de experiências educacionais inclusivas, possibilitando para estes alunos a ampliar seus interesses e capacidades onde assim possa desenvolver um resultado significativo no ensino aprendizagem desses alunos.

A escola, família e sociedade têm total ciência dos direitos á educação, mas garantir que a aprendizagem seja significativa dependerá de como os professores irão conduzir esse processo de ensino aprendizagem dessas crianças.

A partir desta perspectiva, a qualificação das pessoas envolvidas no processo de ensino aprendizagem é fundamental, o recurso pedagógico irá depender também das qualidades do educador para que se alcance bons resultados. Este fator é assegurado na Declaração de Salamanca 1994, que afirma:

As competências necessárias para satisfazer as necessidades educativas especiais devem ser tidas em consideração na avaliação dos estudos e na certificação dos professores [...] A formação-em-serviço deverá realizar-se, sempre que possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiados pela formação à distância e outras formas de auto formação (p. 27 e 28).

Dessa forma, cabe aos professores capacitados para atenderem esses alunos a perceberem as necessidades ou especificidades e valorizar o processo inclusivo. Sendo assim, o professor deve adquirir e desenvolver conhecimentos e habilidades e associar no conhecimento práticas inclusivas.

Diante disso, a formação dos professores para trabalhar com esses alunos, deve acontecer promovendo uma educação de qualidade considerando a busca por estratégias pedagógicas que possam atender as necessidades e as limitações de cada aluno. Assim Cunha nos diz que:

No contexto do autismo, em termos práticos, podemos dizer que, primeiramente, o professor reconhece as habilidades do educando e as que devem ser adquiridas. É a constituição da aprendizagem no campo pedagógico. Em muitos casos, trata-se do início da comunicação, da interação entre professor e aluno (2013, p.126).

Esses alunos precisam encontrar na escola, um local que chame sua atenção e que possa atender suas necessidades e limitações. Este deve ser um ambiente para ensinar e aprender. A relação entre professor e aluno são condições para um bom trabalho pedagógico. Assim em outro ensinamento Cunha (2015) traz:

Quando estamos envolvidos em algo que amamos, parece que nada nos importuna. Quando direcionamos nossos afetos em temas que nos fascinam, não economizamos forças até conhecermos os caminhos que nos levam a respostas. Quando estamos trabalhando em ambientes acolhedores, sentimos que a nossa energia criativa e a nossa disposição para a execução das tarefas parecem ser eternas e inquebráveis (2015, p.99).

3.2 Estratégias Didáticas com Alunos Autistas

Durante o processo de ensino aprendizagem, a maior limitação encontrada para o aluno autista adquirir aprendizagem é a falta de atenção, pois isso faz com que ele perca sua atenção de uma maneira muito rápida.

Entretanto, os professores devem ficar em alerta sobre os outros três estágios. O primeiro é considerado que o professor deve atrair a atenção do aluno despertando a vontade de aprender; o segundo quando o aluno autista não conseguir se comunicar através da fala qualquer expressão significativa deve ser notada; e no terceiro, o autista deve ter o direito de brincar com o restante dos colegas sem que o professor faça qualquer intervenção, é tão interessante que essa atividade interativa que reduz o isolamento e os comportamentos inadequados (CUNHA, 2011).

Deve ser selecionar materiais pedagógicos que possam despertar a atenção do aluno autista no processo de desenvolvimento da sua aprendizagem. Alguns destes objetos específicos estimulam a função cognitiva, levando em consideração que por meio de utilização de peças, as crianças acabam desenvolvendo a concentração e a coordenação motora, mostrando que podem ter a compreensão de todos os conceitos, como afirma Cunha:

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber. (CUNHA, 2011, p. 68).

Além de ser de extrema importância no cuidado na escola dos materiais como forma de facilitar a aprendizagem do aluno autista, é de muita importância que a família tome cuidado com a alimentação da criança autista. Pois alguns alimentos ou medicamentos podem provocar alergias e alterar o comportamento da criança, tendo dificuldades no processo de aprendizagem.

Segundo Cunha (2011, p.69):

Relatos mostram alunos que ficaram mais aptos ao aprendizado escolar após a observância de uma criteriosa rotina alimentar. A escola e a família precisam estar atentas para toda prescrição médica a esse respeito.

Dessa maneira, a alimentação de uma criança ajuda a melhorar seu desempenho positivamente, principalmente aquelas que possuem mais dificuldades.

Quanto ao processo de aprendizagem um aluno com autismo mostra que sua

concentração e sua coordenação motora podem ser desenvolvidas por meio das experiências e das vivências durante todo o processo.

Considerando as diversas dificuldades encontradas no processo de aprendizagem com crianças com autismo, percebe-se que o grau de autismo influencia a capacidade da criança. Se o grau for muito elevado, a criança não é capaz de realizar nem as atividades básicas sozinhas, mas o apoio dos pais e professores e os médicos mostram-se de grande importância no desenvolvimento destas crianças.

De acordo com Cunha (2004), ele nos diz que:

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber. (CUNHA, 2011, p. 68).

É importante destacar que o desenvolvimento desses alunos é de grande importância, pois é através de motivação e incentivo que essas crianças têm maiores êxitos no desenvolvimento da sua aprendizagem.

Para Cunha (2011), as atividades desses alunos devem apresentar interação promovendo isso em grupos, “[...] por meio de momentos de aprendizagem em sala de aula e no convívio diário com os demais alunos, trabalhando a interação e a comunicação.” (CUNHA 2011, p. 54).

Ainda para Cunha (2011, p.49),

Sempre que atentarmos para o interesse do aluno e os seus desejos em nossa prática pedagógica, estaremos comunicando-nos com seu afeto. Para não desistirmos de nossos propósitos na educação, devemos fazer isto em nosso trabalho e, para que nossos alunos também não desistam, precisamos contagiá-los com o nosso amor. Nada se constrói com qualidade na educação sem o amor.

Somente com muito afeto é que o professor consegue a confiança e também se une mais afetivamente com esses alunos em meio às dificuldades, pois com dedicação de toda equipe escolar com a criança autista, quanto maior o empenho maior será o sucesso no processo de ensino aprendizagem.

Assim, o início da construção de autonomia do aluno com autismo se dá a partir do afeto entre ele e o professor para que assim os mesmos consigam sua autonomia conforme seu desenvolvimento. Cunha (2011, p. 53), diz “[...] transforme as

necessidades do aprendente em amor pelo movimento de aprender e de construir concede-lhe autonomia e identidade”.

As atividades desses alunos devem apresentar formas afetivas, sociais e pedagógicas. As práticas escolares propõem diversas oportunidades no processo desenvolvimento da aprendizagem, pois essas atividades devem estar incluídas no dia a dia da criança. É importante destacar que todas as crianças, enquanto pequenas, aprendem como se vestir, comer e se lavar. Já as crianças com autismo têm dificuldades para realizar tarefas básicas, portanto, a escola e a família têm a tarefa de trabalhar esses pontos para que a criança diminua essa dependência.

O jeito como o professor fala com o aluno autista contribui significativamente no seu processo de ensino onde a criança possa confiar nele, ou seja, o modo de falar e os gestos são principais meios de comunicação com o autista.

Desse modo a escola inclusiva deve propiciar as crianças com autismos oportunidades de adquirir habilidades na sua aprendizagem desenvolvendo a comunicação, socialização e autonomia. Dessa forma Silva afirma:

O direito fundamental à educação inclusiva é do educando e não do Estado, da sociedade ou da família (art. 205, C.F.). Não podemos nos esquecer, também, que as escolas especiais, como escolas que são, devem ter conteúdo pedagógico e se preocuparem com a transmissão da educação de qualidade. Elas têm importante papel no processo de transposição da fase de educação “exclusiva” para a da educação inclusiva, pois o conhecimento técnico específico que possuem podem e devem servir como rede de apoio às escolas regulares e às pessoas com deficiência para que isso aconteça com sucesso (2005, p.19).

Ao trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, o objetivo é que dificuldades e limitações sejam superadas. É importante que o currículo seja flexível, contemplando conteúdos formais e desenvolvendo atividades funcionais. Dessa maneira, professor e aluno fiquem cada vez mais interagidos descobrindo juntos a utilidades de conteúdos historicamente construídos. No que diz Cunha (2015):

Um currículo funcional para a vida prática compreende tarefas que podem ser executadas em perfeita sintonia entre escola e a família, alcançando etapas previamente estabelecidas. Cada etapa superada demanda uma nova. Lista se uma série de afazeres diários que precisam ser realizados, como dobrar roupa de cama, escovar os dentes etc. (2015, p.59).

O grande desafio do professor é construir novas práticas e estratégias que consigam ser eficazes para os autistas. As estratégias metodológicas devem integrar a

comunidade escolar e família dos alunos, pois é a boa relação no processo de ensino aprendizagem que mostram a importância da inclusão desses alunos.

Para desenvolver as habilidades de alunos portadores do autismo, o professor precisa conhecê-lo, saber atuar diante das descobertas, descobrir as necessidades de aprendizagem e mediar os conflitos. Dessa forma, o docente conseguirá reconhecer o universo autista e entender como se dá o processo de aquisição do conhecimento desses alunos.

Sendo assim, Cunha afirma: “a grandeza humana do ofício docente leva o professor a ser também um melhor profissional, pois o faz estudar e capacitar-se, a grandeza humana do seu ofício não somente educa, mas também inspira” (2013, p. 111).

Atento a isso, a escola torna-se um espaço fundamental para as crianças autistas, dessa forma a instituição pode estar contribuindo nesse processo, fazendo com que a criança tenha um contato social. Assim Silva (2012) concorda ao afirmar que:

A vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo à vida adulta (p.74).

A criança com autismo sente uma certa dificuldade em se expressar corretamente, mas a partir do momento em que começa a treinar a linguagem oral aos poucos aparecem mudanças na linguagem e no seu desenvolvimento de sua aprendizagem.

Segundo Nunes (2008, p.4):

As crianças com autismo, regra geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família e também dos professores. É vital que pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informação confiável sobre os métodos educacionais que possam resolver suas necessidades individuais.

Dessa maneira a escola deve criar estratégias para que essas crianças consigam desenvolver suas habilidades e capacidades interagindo com outras crianças. A escola deve trabalhar junto com a família onde se deve acompanhar as atividades, encorajando a criança em diversas situações para que a mesma se comunique.

O docente deve desenvolver novas práticas de aprendizagens para que o aluno autista consiga se desenvolver conhecendo suas dificuldades e superando-as, onde

o principal objetivo é fazer com que a criança autista se torne independente, levando em consideração e respeitando suas condições. Para isso é necessário que se tenha “planejamento, aceitação das diferentes maneiras de cada educando, assim como uma reflexão permanente sobre as práticas empreendidas na escola, visando à oferta de resposta adequada às suas necessidades” (MARTINS, 2006, p. 24).

As dificuldades enfrentadas pelas crianças autistas podem ser superadas, desde que tenha um acompanhamento especializado, onde utilizem técnicas que devem ser aplicadas de acordo com a necessidade individual de cada aluno. Essas técnicas ajudam a desenvolver as habilidades cognitivas e a capacidade de interagir socialmente. A aprendizagem deve ser estimulada pelo professor e pelos pais onde os mesmos têm um papel fundamental nesse processo de ensino aprendizagem.

Nota-se, também que os professores devem trabalhar com ações motivadoras junto com seus alunos autistas, mostrando confiança e interesse através do acolhimento em sala de aula oferecendo carinho, atenção e cuidado necessário. Neste sentido Silva (2012), nos diz que: “[...] o professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área, com amor e dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança autista” (SILVA, 2012, p.114).

O professor deve ficar atento sobre a pouca percepção da realidade, por isso é necessário que se trabalhe com o comportamento desses alunos. A maioria das crianças com autismo se comunica muito através de desenho ou pinturas. Entretanto é necessário o interesse de cada criança seja pesquisado antes de qualquer intervenção pedagógica, pois Silva (2012) afirma que:

[...] procure saber quais são os maiores interesses do aluno com autismo e prepare materiais e atividades com esses temas. Isso fará com que ele se sinta mais estimulado a aprender, além de melhorar o vínculo entre o aluno e o professor. Sempre que possível utilize o máximo de material visual ou concreto, mostre figuras e gravuras no decorrer das explicações, e proporcione aos alunos vivências práticas, em que ele possa experimentar as coisas [...]. (Silva, 2012, p.117).

Sendo assim, o educador ao dirigir-se ao aluno autista o mesmo deve se colocar a sua altura para se estabelecer contato visual. Assim o professor pode despertá-lo e trazê-lo de volta as suas explicações e orientações. Mas, a formação do professor ocorre na prática e o principal fator é conhecer o aluno autista e suas necessidades, fazendo com que assim saiba qual metodologia deverá utilizar para atender este aluno.

As escolas devem estar preparadas para que os alunos com autismo ou com alguma necessidade educacional especial se desenvolvam como cidadãos capazes de aprender, pensar e tomar decisões. As crianças autistas podem frequentar escolas de ensino regular, mesmo que nelas existam carências é na escola onde estas crianças iram desenvolver suas habilidades cognitivas.

Outro ponto a ser compreendido é a necessidade de um atendimento especializado e direto com o aluno autista, onde se percebe que o ritmo de aprendizagem é diferente dos demais alunos. Dessa forma as praticas metodológicas devem ser planejadas e diferenciadas, com o mesmo propósito de ensino dos demais alunos.

Sendo assim, é de grande importância a constante avaliação durante as situações vivenciadas com os alunos autistas, pois mesmo quando o aluno autista não desenvolva relacionamentos de amizade com as outras crianças, outras relações podem ter despertado uma melhoria no desenvolvimento em outras áreas. “As manifestações do autismo variam intensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do individuo” (CUNHA, 2014 p.26).

Assim o desenvolvimento da aprendizagem é de fator importante para o aluno autista, onde deve ser lembrado que o mesmo familiariza-se com as rotinas, ou seja, atos que já está acostumado a conviver, porém é importante novidades para melhor desenvolvimento do seu comportamento diante das situações.

Portanto, a educação é uma das maiores ferramentas de desenvolvimento de uma criança com autismo. É através da educação que essas crianças podem aprender tanto matérias acadêmicas quanto atividades do cotidiano. Portanto, os questionamentos sobre como deve ser o ensino aprendizagem de alunos com autismo são vários, mas o fato é que todas as crianças têm o mesmo direito e educação de qualidade.

4 A ESCOLA PÚBLICA E A ACEITAÇÃO DO ALUNO AUTISTA

Percebendo a escola como responsável por grande parte da formação do indivíduo, diante disso se discute acerca de como a escola está preparada para receber alunos com autismo e se os docentes estão aptos para trabalhar com estes alunos. Na Lei de nº 13.146, de 06 de Julho de 2015 da LBI- Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL 2015) no capítulo V do direito à educação diz que, “todas as pessoas com deficiência devem

ser asseguradas de uma educação de qualidade, dispondo de profissional de apoio escolar”.

Crianças com autismo possuem limitações em seu comportamento, muitas vezes por causa disso os mesmos quase que são excluídos das atividades escolares que são feitas em grupo na sala de aula, assim alguns professores se recusam a mudar suas rotinas em sala, dessa forma é necessário a formação qualificada dos profissionais da educação para que saibam lidar com esses alunos os ajudando a superar suas dificuldades.

Por serem alunos com autismo eles acabam sendo vítimas de preconceito, e que não conseguem realizar atividades e conviver em sociedade. Por isso percebe-se que nos dias atuais há grandes dificuldades na inclusão destes alunos na rede regular de ensino, visto que os currículos que são elaborados pelas escolas apresentam a inclusão de alunos autistas utilizando metodologias que os torne ativos e capazes de se desenvolver realizando as atividades na sala de aula.

A inclusão é necessária e um grande desafio, mas é importante proporcionar novas condições de desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem. Para que a inclusão tenha sucesso, as escolas e os professores precisam ter uma formação mais adequada possibilitando ao aluno autista que o mesmo possa superar todos os obstáculos que irão aparecer no futuro.

A educação inclusiva é um processo onde se possui várias etapas e todas elas devem ser avaliadas, a escola deve ser uma comunidade aberta para que todos os alunos possam ser valorizados por suas diferenças. A inclusão na rede regular de ensino precisa levar em conta as particularidades de cada aluno para que assim os mesmos possam superar suas capacidades.

A escola é um lugar para que os professores possam desenvolver os estímulos e as oportunidades para esses alunos, mas para isso as instituições precisam estar bem estruturadas, pois é um lugar repleto de aprendizagem, assim os docentes vão tendo mais experiências com esses alunos, dessa forma o processo de aprendizagem ocorre em todos os sentidos.

A criança que possui o autismo necessita de estímulos que desenvolvam suas capacidades. De acordo com Bosa (2006), o planejamento do atendimento à criança com autismo deve ser estruturado de acordo com o desenvolvimento dela, isso que dizer que, as crianças menores o que deve ser priorizado é a fala, para que a

interação social e a interação com outras pessoas possam ocorrer de acordo com seu desenvolvimento.

Na escola, as atividades em sala de aula e nos outros espaços da escola devem ser bem planejadas para incluir de forma satisfatória as crianças com autismo em todos os seus processos de desenvolvimento. Esse processo deve está ligado diretamente com a família destas crianças, pois a mesma possui mais experiência em lidar com essas crianças, assim o desenvolvimento dessas crianças com a ajuda dos pais ajuda positivamente no processo de ensino aprendizagem na rede regular de ensino. Dessa forma, “[...] é certo que o professor sozinho não transforma a sala de aula; as práticas pedagógicas funcionam como espaço de diálogo: ressonância e reverberação das mediações entre a sociedade e a sala de aula” (FRANCO, 2012, p. 162).

A inclusão veio ganhando espaço nas redes de ensino e como isso veio adquirindo direitos. A respeito disso pode ser destacado a Constituição Federal de 1988 que dedica à Educação, no Art. 208: “O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de [...] seção III - o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, as escolas devem apresentar novas estratégias na prática metodológicas no processo de ensino, rompendo barreiras para a aprendizagem desses alunos contribuindo para melhorias na qualidade de ensino dos alunos com autismo. Um sistema de educação necessita de um olhar diferenciado, pois a escola, ao receber alunos com autismo, precisa se reorganizar para que todos os alunos tenham sucesso em seu processo de desenvolvimento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394 (BRASIL, 1996) dedica um capítulo inteiro para Educação Especial:

CAPÍTULO V DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

Percebe-se que a legislação ressalta o processo de inclusão, dando a esses alunos o direito ao ensino. A partir disso pode-se afirmar o quanto é importante a inclusão no processo de desenvolvimento de sua aprendizagem.

Vale ressaltar que, a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990:

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista:

III - a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes;

V - o estímulo à inserção da pessoa com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho, observadas as peculiaridades da deficiência e as disposições da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente);

Art. 3º- São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

III- o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2o, terá direito a acompanhante especializado.

Com isso o cumprimento dessas leis oferece um ensino de qualidade a esses alunos conforme suas necessidades e potencialidades. Assim, cabe a escola promover novas reformas pedagógicas no processo de inclusão no ambiente escolar.

4.1 Desafios na Inclusão do Aluno Autista no Ensino Regular

A escola deve se comprometer em oferecer um ensino de qualidade, buscando sempre melhorias tanto em sua estrutura física quanto no modo de aprendizagem, fazendo com que a escola tome consciência que necessita adaptar tanto o

ambiente escolar quanto o currículo trazendo novas alternativas metodológicas de acordo com as necessidades de cada aluno.

É importante destacar que os professores procurem informações sobre o autismo, para que consigam lidar com esses alunos. Assim, o docente que receber um aluno com autismo na sala de aula, deve estar consciente que cada aluno autista possui diferentes dificuldades e capacidades. Por isso, é fundamental que os professores devem incluir novas formas de ensinar, trazendo novas estratégias psicológicas que consiga fazer esses alunos a socializar e interagir com os outros alunos, proporcionando um trabalho de desenvolvimento da inclusão.

Com isso, mostra-se que a prática coletiva dos profissionais da educação em atender as demandas dos alunos com autismo pode mostrar que os mesmos podem alcançar melhorias no seu desenvolvimento cognitivo. É o que Schmidt (2013) declara:

Trocas transdisciplinares constantes entre equipes e o professor estariam municiando a escola com as informações que contribuíram com a qualificação da experiência educacional do aluno com autismo. Ao mesmo tempo, o professor poderia colaborar com tal equipe oferecendo prestimosas informações sobre o dia a dia deste aluno seus comportamentos e aprendizagem, sem perder seu referencial pedagógico. (SCHMIDT, 2013, p. 22).

É necessário que os professores planejem aulas interessantes, agradáveis e que chamem a atenção de alunos com autismo, e assim consigam quebrar as barreiras para a aprendizagem dos mesmos. Sobre isso se menciona Carvalho (2009, p.60) que diz: “barreiras existem para todos os lados, mas para alguns requerem ajuda e apoio para seu enfrentamento e superação...”. Assim os desafios na educação desses alunos podem acontecer, mas com um trabalho coletivo de todos na escola é possível ter sucesso no processo de inclusão.

Portanto, a educação auxilia no processo de adequação de comportamentos desses alunos, no texto das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) encontra-se o conceito do serviço de apoio à inclusão, onde na escola deve ser desenvolvido o atendimento educacional especializado (AEE) destacando-se:

Salas de Recursos: serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns [...]. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado

individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que frequentam a classe comum (BRASIL, 2001, p.50).

Com isso, considera-se a escola como uma oportunidade para ações inclusivas de alunos com autismo. Tornando necessária a ampliação de conhecimentos sobre o assunto e garantindo aos professores no âmbito escolar o acesso para essas informações.

Camargo e Bosa (2009) afirmam que existem poucas crianças autistas incluídas na rede regular de ensino, se comparadas àquelas com outras deficiências. Isso acontece devido à falta de preparo nas escolas para atender à demanda de inclusão. Segundo as autoras:

O autismo é classificado como um transtorno global do desenvolvimento, tendo como característica principal o desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e na comunicação e pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo (CAMARGO e BOSA, 2009, p. 65-74)

Dessa forma há muito a ser feito para que o autista possa ter seus direitos respeitados. A inclusão não deve ser apenas um desafio para o professor, mas sim de toda escola e da rede de ensino.

A educação tem um papel importantíssimo no desenvolvimento de qualquer criança e tudo que for construído no ambiente escolar deverá possuir um conceito de qualidade. Cunha (2012), em sua obra, afirma que:

Ensinar para a inclusão social, utilizando os instrumentos pedagógicos da escola e inserindo também a família, é fortalecê-la como núcleo básico das ações inclusivas e de cidadania. Para a escola realizar uma educação adequada, deverá, ao incluir o educando no meio escolar, incluir também a sua família nos espaços de atenção e atuação psicopedagógica. (p. 90).

No entanto, mais do que leis, é preciso mudar a cultura do ambiente escolar, as leis não serão cumpridas se não existirem ações voltadas para a capacitação do docente e mudanças na educação desses alunos. Assim, a escola deve desenvolver projetos de escola inclusiva, onde as diferenças são respeitadas e utilizadas no processo de aprendizagem.

Tornar a educação inclusiva na rede de ensino regular representa implantar gradativamente mecanismos que tanto para a educação especial como o ensino regular se adapte a nova proposta. Para que isso aconteça, é necessário construir políticas

públicas, práticas pedagógicas que garantem a qualidade de ensino que envolva todos os alunos.

Cabe a escola promover a interação social do aluno autista com os demais alunos, para que assim o desenvolvimento de suas habilidades relacionadas à linguagem seja desenvolvido. O fato da criança com autismo ter a oportunidade de interagir com outros alunos da mesma idade lhes proporciona momentos de descobertas e aprendizados. Para Kelman (2010), as escolas devem estar preparadas estruturalmente e fisicamente para que isso aconteça, havendo um avanço no processo de desenvolvimento.

Compete à escola adaptar-se para atender às capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar. (KELMAN, 2010, p. 226)

Percebe-se que o ambiente escolar tem o dever de adaptar e proporcionar os alunos autistas a oportunidade de conviver socialmente. E para que isso aconteça a comunidade escolar precisa ter conhecimento do que é autismo, que na maioria dos casos os professores estão despreparados sem ter informações sobre o assunto. Correia (2008) afirma que:

Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio. Planificar a aprendizagem e a participação de todos os alunos sem recorrer a respostas estereotipadas e pré-definidas, procurar as melhores formas de adaptar ou modificar o currículo à diversidade das necessidades dos alunos, trabalhar em articulação com outros profissionais ou serviços, promover a colaboração e partilha de informações e experiências entre professores, dinamizar a produção de materiais curriculares, a observação mútua de aulas, a emergência de parcerias pedagógicas, incentivar a experimentação e inovação pedagógica. (CORREIA, 2008, p. 47).

Dessa forma, a educação inclusiva tem mais exigências e desafios para as escolas e para os professores. Pois é necessário que, os profissionais da educação programem um currículo que atendam as necessidades de cada aluno.

Kelman(2010) destaca que:

[...] a educação representa uma experiência pessoal, social e política ampla e abrangente, tendo em vista suas finalidades e implicações para sua qualidade de vida e cidadania. Em se tratando de autismo, as oportunidades educacionais desempenham papel essencial para o desenvolvimento e inclusão social em diferentes contextos, contribuindo para o reconhecimento

da pessoa como sujeito no seu ambiente sociocultural. (KELMAN, 2010, p. 221).

Dessa maneira, a inclusão se concretiza em sala de aula onde se pode perceber a importância da escola para o desenvolvimento do aluno autista, cabendo a instituição oferecer um ambiente acolhedor, capaz de realizar o trabalho interativo que favoreça a socialização.

A rede de ensino tem melhorado em relação à inclusão, mas ainda precisa de ações nas diferentes áreas que busque romper com o preconceito com crianças com deficiência. No entanto, as ações que acontecem no contexto escolar precisam de planejamento, adequação de conteúdo e material que podem colaborar para a aprendizagem do aluno autista. De acordo com Baptista (2002) que afirma:

[...] para uma educação efetivamente inclusiva é necessário que o processo educativo seja desenvolvido a partir da recriação da prática pedagógica, da importância dada à ação e à centralidade do sujeito, a flexibilidade da estrutura metodológica, a participação de todos. (BAPTISTA, 2002, p. 109).

Nesse sentido, a inclusão de alunos com autismo envolve múltiplas ações que devem ser adotadas no ambiente escolar, que envolvam capacitação, formação continuada de professores e adequação de espaços que culminem no desenvolvimento desses alunos.

Na atualidade, se percebe a deficiência das escolas para uma atuação plena da educação inclusiva. As mudanças nesse processo de inclusão são lentas, mas o importante é buscar a superação e a integração desses alunos, eliminando cada barreira encontrada na escola. Referindo-se a integração, colocada acima, Cunha (2013) afirma que:

(...) destarte, surgiram críticas a esse modelo, pois a passagem de alunos com necessidades educacionais especiais para as turmas de ensino comum dependia exclusivamente dos progressos discentes. Efetivamente, essas transições raramente aconteciam, tornando o ambiente escolar segregante. Era preciso, portanto, que o educando se adaptasse às práticas escolares. Diferentemente, o conceito de inclusão pressupõe que as práticas, os espaços e os modelos de ensino se adaptem ao aprendente. (CUNHA, 2013, p.35).

Na realidade, nas escolas as salas de aulas são bem numerosas e para que os pais se sintam seguros os mesmos acham que o acompanhamento especializado os alunos com autismo estarão bem amparados quando os mesmos necessitarem de ajuda para superar suas dificuldades na sala. Para Cunha (2014):

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (CUNHA, 2014, p. 68).

Sendo assim, a demanda da inclusão chega às escolas antes da preparação do professor, assim o acompanhante especializado traz para os professores um suporte nas adaptações necessárias.

Cunha (2014) fortalece a importância do acompanhamento especializado junto ao aluno com autismo, quando destaca:

Enquanto o aluno com autismo não adquire a autonomia necessária, é importante que ele permaneça sob o auxílio de um profissional capacitado ou um psicopedagogo para que dê suporte ao professor em sala de aula. Na escola inclusiva, é demasiadamente difícil para um único educador atender a uma classe inteira com diferentes níveis educacionais e, ainda, propiciar uma educação inclusiva adequada. Tudo o que for construído no ambiente escolar deverá possuir o gene da qualidade (CUNHA, 2014, p.55).

Com isso, é possível evidenciar aspectos que rompem barreiras e levam à inclusão. Pois assim, é notável as mudanças significativas na rede regular de ensino, mostrando que a educação inclusiva vem se consolidando e alguns avanços estão sendo alcançados.

Diante disso, para que a inclusão seja eficiente na rede regular de ensino, deve-se estar preparado para trabalhar com alunos autistas. Assim Carvalho (1999) afirma que:

[...] para que, em nossas escolas, o ideal da integração de todos, ou da não exclusão de alguns, torne-se realidade, é preciso trabalhar todo contexto em que o processo deve ocorrer. Do contrário, corre-se o risco de contribuir para maiores preconceitos em torno dos deficientes.

Portanto, quanto mais os alunos com autismo estiverem integrados com outras crianças, melhor será seu desenvolvimento diante da sociedade em que vive, pois é através dessa interação que seu desenvolvimento terá êxito. Pois, com a interação e a troca de conhecimentos, que esses alunos conseguem sua independência escolar, familiar e social.

5 A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NO ENSINO REGULAR NO MUNICÍPIO DE MAGALHÃES – MA

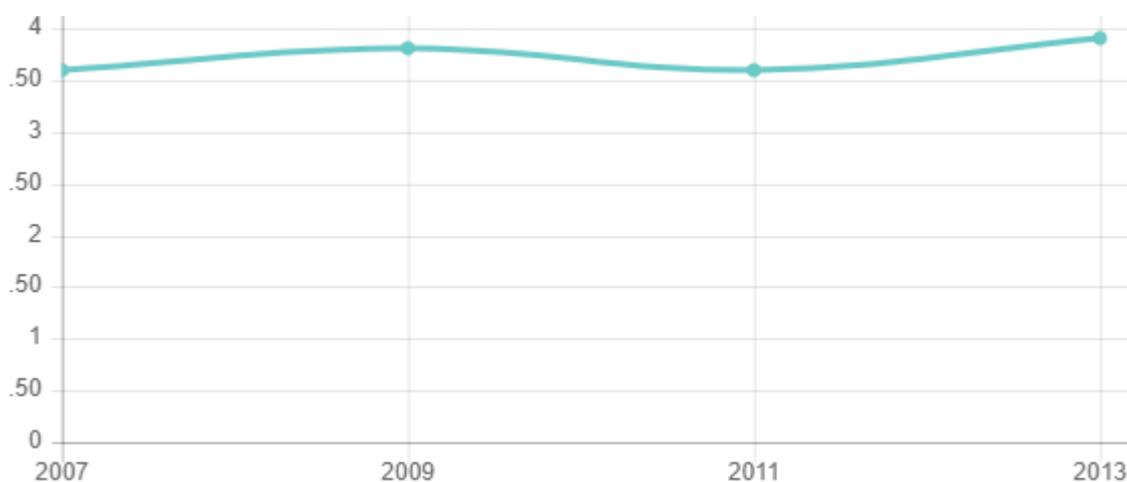
5.1 Dados Sobre o Campo da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma das escolas da cidade de Magalhães de Almeida, a Escola Municipal Antônio Batista Vieira. As observações foram realizadas numa sala de aula do 9º ano da escola regular, no turno da manhã e as entrevistas foram feitas com o gestor da escola, secretário de educação e secretária de assistência social.

O município de Magalhães de Almeida, com área territorial de 433,152 km², está localizado à aproximadamente 403,5 km da capital do Maranhão, São Luis. De acordo com o censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, a sede municipal contava com uma população de 17.587 habitantes. A estimativa atual é de 19.620 habitantes.

E como podemos observar a partir de dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2007-2013, a educação do município veio em crescimento em relação aos anos anteriores.

Figura 1- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica nos anos 2007-2013



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Com base no gráfico apresentado, pode-se perceber que o índice de desenvolvimento da escola cresceu no ano de 2007 a 2009, mas no ano seguinte teve uma leve caída em relação aos dois anos anteriores, logo em seguida no ano de 2013 o índice voltou a crescer novamente e assim se manteve.

A escolha do local para a realização do estudo se deu pelo fato de ter alunos com autismo matriculados e frequentando regularmente à sala do ensino regular, especificamente no Ensino Fundamental, além da disponibilidade por parte da gestão da instituição.

Atualmente, a escola atende um total de 337 alunos, sendo 102 nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 230 nos anos finais desse mesmo nível, nos turnos matutino e vespertino nas modalidades regular. Conforme podemos acompanhar no quadro apresenta dados sobre a dinâmica de ensino.

Quadro 1 – Demonstrativo da estrutura de funcionamento da Escola Municipal Antônio Batista Vieira

Dados da Escola	Turnos de funcionamento	
	Manhã	Tarde
Nível de ensino	Ensino Fundamental anos iniciais	Ensino Fundamental anos finais
Horário de funcionamento	7:15h às 11:40h	13:15h às 5:30h
Número de turmas de cada serie	6 turmas: 3º, 4º, 5º “A” e “B”, 6º “A” e “B”	6º, 7º, 8º, 9º
Número de alunos por turmas	6 turmas: 17 alunos em cada turma	4 turmas: 28 alunos em cada turma
Número de dias letivos	200 dias por ano, de 50 à 55 por bimestre	
Número de aula /dia	Segunda à Sexta: 6 aulas	

Fonte: Dados fornecidos pela gestão escolar 2018

A gestão escolar foi questionada sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP), a mesma confirmou a existência do documento, mas deixou claro que estava em fase de atualização pela Secretaria de Educação onde seriam incluídas formação e avaliação continuada do professor para que pudesse estar aptos em trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais.

De acordo com Libâneo (2012, p.484) “o projeto pedagógico-curricular é o documento que reflete as intenções, os objetivos, as aspirações e os ideais da equipe escolar, tendo em vista um processo de escolarização que atenda todos os alunos”.

5.2 O Autismo na Escola Municipal Antônio Batista Vieira

Para discussão dos dados coletados foi desenvolvido um questionário com 10 perguntas que tem finalidade descobrir as dificuldades enfrentadas pelo corpo docente no ambiente escola com aluno autista. O questionário, de acordo com Guerra (2006), serve como indução sistemática que proporciona capturar a percepção do entrevistado a fim de interpretá-la e reconstruir a luz da teoria do caso analisado.

Para realizar a análise dos dados optou-se pela qualitativa, como descreve Guerra (2006), caracteriza-se pela sua maleabilidade e amplitude interpretativa, o que favorece o aprofundamento do pesquisador sobre o tema. Para delimitar-se a análise da pesquisa, optou-se por organizar as respostas identificando-as por profissional A, B e C, comentando-as posteriormente.

Quadro 3 – O que os docentes entendem por autismo.

Como você define o autismo?	
Profissional A	É quando uma pessoa apresenta dificuldades na sua interação com as demais pessoas.
Profissional B	É uma limitação na interação entre as pessoas, mas sendo estimuladas as dificuldades podem ser superadas.
Profissional C	É quando uma pessoa apresenta características que prejudica sua interação social, afetando sua autonomia e independência.

Conforme leitura do quadro acima percebe-se que os profissionais entendem a definição do autismo, destacando que essas pessoas possuem características distintas umas das outras. Para Campbell (2009), o autismo faz com que a criança tenha dificuldades de interação no mundo externo, em alguns casos, podendo evitar o contato físico, visual, e até mesmo não demonstrar suas emoções.

Quadro 4 – Avaliação do aluno autista no ensino regular da Escola Municipal Antônio Batista Vieira

Como é realizada a avaliação pedagógica deste aluno?	
Profissional A	Bom, é através de avaliações juntamente com os demais alunos de sua mesma sala de aula.
Profissional B	É através de atividades em grupos que busque identificar as necessidades que precisam ser superadas.
Profissional C	Por meio de análise que busque compreender qual o melhor procedimento a ser utilizado no processo de ensino aprendizagem.

De acordo com a resposta do profissional A, mostra-se que as avaliações estão presentes no processo de aprendizagem. De acordo com Mello (2007):

Na maioria dos métodos de educação especializados para a criança autista, inicia-se por um processo de avaliação para poder selecionar os objetivos estabelecidos por área de aprendizado. A forma de levar a criança aos objetivos propostos varia conforme o método adotado, mas na grande maioria dos métodos a seleção de um sistema de comunicação que seja realmente compreensível para a criança tem tanta importância quanto às estratégias educacionais adotadas (p.40).

Portanto são necessárias práticas educativas que proporcione reorganizar os planejamentos interventivos de modo que valorize a capacidade do aluno com autismo, permitindo que seu desenvolvimento cognitivo seja descoberto e superado.

Quadro 5 – Áreas de desenvolvimento avaliadas pelo docente na inclusão do aluno autista

Quais as áreas de desenvolvimentos avaliadas?	
Profissional A	São o cognitivo e a linguagem desses alunos.
Profissional B	São a interação, a comunicação e dependência de suas dificuldades.
Profissional C	São a motora, a autonomia e a comunicação funcional entre os outros alunos.

Assim, para que este aluno compreenda o que está sendo proposto é necessário que se atribua significado da tarefa. A criança com autismo apresenta um pensamento limitado que precisa de paciência para que este aluno consiga compreender o que lhe foi proposto. Portanto, Mutschele (1996) afirma que é preciso que o pensamento da criança seja colocado em contato com a realidade, de modo que a leve a pensar, observar, analisar e, então, auxilia-se a construção de conceitos e a aquisição de conhecimentos novos e adequados.

Quadro 6 – Avaliação do aluno autista: principais áreas de intervenção

Qual área de desenvolvimento desses alunos apresenta maior necessidade interventiva?	
Profissional A	A área da linguagem e do comportamento.
Profissional B	Foi na área da atenção, da linguagem e da observação.
Profissional C	Através da área da linguagem.

Percebe-se que, a área de desenvolvimento para um aluno com autismo permite observar e desenvolver a melhor forma de intervenção para o docente em sala de aula. De acordo com Fonseca (2011), os elementos cognitivos tornam-se latentes na intervenção do autista. Para isso, demanda que o professor assuma uma postura diferenciada, pois assim o seu nível cognitivo de desenvolvimento começa a ser superado.

Quadro 7 – Adaptações ocorridas Escola Municipal Antônio Batista Vieira para inclusão do aluno autista

Qual foi a adaptação necessária feita pela escola para atender este aluno?	
Profissional A	Assim que a escola recebia alunos com autismo buscamos sempre melhorar tanto na estrutura da escola como nas metodologias em sala de aulas sempre buscando integrar esses alunos com os demais.
Profissional B	Sempre que necessário é feita uma reformulação nas práticas metodológicas para melhor atender as necessidades desses alunos.
Profissional C	A escola busca sempre melhorar suas metodologias para melhor

inserir este aluno em sala de aula buscando desenvolver suas habilidades cognitivas.

A busca por metodologias que integre esses alunos na sala de aula ficou bem presente nas respostas apresentadas. Dessa maneira, é importante inserir métodos que sejam necessários ao ambiente escolar que possam inserir e promover o desenvolvimento do aluno com autismo.

Assim afirma Valle e Maia (2010):

A inclusão escolar consiste no processo de adequação da sociedade às necessidades de seus participantes, para que eles, uma vez incluídos, possam desenvolver-se e exercer plenamente sua cidadania (p. 17).

Portanto, a participação de toda a escola na inclusão desses alunos mostra que todos estão empenhados em melhorar a adaptação promovendo sua aprendizagem frente aos desafios enfrentados quando se trabalha com alunos com autismo.

Quadro 8 – Avaliação do aluno autista no ensino regular da Escola Municipal Antônio Batista Vieira

Que método ou programa de apoio é oferecido para estimular o desenvolvimento deste aluno?	
Profissional A	Alguns dos métodos são o lúdico utilizando brinquedos e histórias.
Profissional B	A leitura de histórias que fazem parte da realidade desse aluno inserido brinquedos para chamar sua atenção.
Profissional C	O lúdico onde é possível chamar a atenção desse aluno buscando envolvê-los nas atividades.

A utilização de um método que estimule o aprendizado do autista permite que esse aluno consiga avançar facilmente superando suas dificuldades. Fonseca (2011) descreve que estruturar o ambiente, materiais e mediações para ensinar estratégias cognitivas de processamento de informações, sem deixar de considerar estruturas e criatividade, favorece a aquisição de conceito, pois desenvolve as funções cognitivas envolvidas por trabalhá-las adequadamente.

Assim, deve-se escolher uma técnica que concilie as características do aluno autista, para que aconteça de forma adequada à aprendizagem.

Quadro 9 – Desafios encontrados no desenvolvimento de atividades com alunos autistas

Quais são as maiores dificuldades enfrentadas em se trabalhar com alunos com autismo?	
Profissional A	A de entender como um aluno com autismo consegue superar suas dificuldades.
Profissional B	De conseguir uma relação de confiança, pois o aluno com autismo demora um pouco para confiar em alguém.
Profissional C	As inquietações desse aluno, porque esse aluno às vezes demonstra ter umas inquietações que são difíceis de entender.

Por isso, Villamarín (2001), afirma que a criança autista apresenta fortes dificuldades de comunicação e uma sensível incapacidade de experimentar empatia e estabelecer relações afetivas. Pois isso, a relação do professor com esse aluno deve ser de forma afetiva buscando aprender e reconhecer as características desses alunos. Portanto os professores devem reconhecer essas características possibilitando desenvolver suas habilidades de comunicação.

Quadro 10 – Fases do desenvolvimento da aprendizagem

Qual aspecto de desenvolvimento é mais difícil de lidar?	
Profissional A	As limitações desses alunos.
Profissional B	A interação deles com os demais alunos na sala de aula.
Profissional C	O comportamento e suas dificuldades na interação com os demais alunos.

O processo de interação para o desenvolvimento das habilidades do aluno autista é bastante presente nas escolas em que esse aluno está inserido. Para que a educação desses alunos tenha resultados satisfatórios, é necessário que a forma de

ensinar esteja preparada para lidar com as dificuldades. Cunha (2010), afirma que “não podemos educar sem atentarmos para o aluno e sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

Quadro 11–Maneiras de superar as dificuldades desses alunos

O que é feito para superar essas dificuldades?	
Profissional A	Através de atividades educativas que promove a interação.
Profissional B	Por meio de tarefas que busquem a integração de forma eficaz na inclusão.
Profissional C	Através de atividades em grupos promovendo a interação com todos na escola.

Dessa maneira, é através de técnicas adequadas que o ensino do aluno autista tem suas habilidades de interação desenvolvidas. Por isso, o professor precisa estar preparado para lidar com esses alunos atendendo as suas necessidades. Ou seja, não se pode “entender este ambiente inclusivo somente em razão dos recursos tecnológicos, mas também pelas qualidades humanas” como afirma (Cunha, 2010 p.100).

Quadro 12 – Relação da escola com a família do aluno autista.

Como é o relacionamento da escola com a família do aluno autista?	
Profissional A	Buscamos sempre construir uma boa relação entre a família desses alunos, pois a mesma pode nos ajudar no processo de desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos.
Profissional B	A família sempre está presente no processo de ensino nos ajudando a desenvolver a melhor maneira para ajudar seus filhos a superarem suas dificuldades para conseguirem sua autonomia.
Profissional C	O nosso relacionamento com as famílias desses alunos são de total parceria, sempre que necessário pedimos opinião deles no que diz respeito aos métodos utilizados no processo de desenvolvimento.

As famílias de alunos com autismo são de grande importância no processo de aprendizagem, pois é juntamente com os profissionais da educação que buscam melhorar e estimular a terem bons resultados. Sendo assim, a família deve trabalhar em parceria com a escola focando sempre no desenvolvimento das habilidades cognitivas.

Cunha (2012), afirma que:

Ensinar para a inclusão social, utilizando os instrumentos pedagógicos da escola e inserindo também a família, é fortalecê-la como núcleo básico das ações inclusivas e de cidadania. Para a escola realizar uma educação adequada, deverá, ao incluir o educando no meio escolar, incluir também a sua família nos espaços de atenção e atuação psicopedagógica. (p. 90)

Por isso, é necessário que a família e a escola estejam juntas no processo de ensino aprendizagem de alunos com autismo, promovendo a inclusão de forma eficaz. Portanto é importante que a escola esteja atenta as necessidades desses alunos facilitando sua aprendizagem buscando melhorar cada vez mais suas práticas e seu recursos durante todo o processo de inclusão.

6 CONCLUSÃO

Ao término desta pesquisa conclui-se, que o processo de inclusão deve fazer parte da presente realidade social brasileira devido a continuar sendo um processo demorado onde se fizeram necessárias criações inúmeras leis e uma modificação significativa de atitudes no campo educacional para que a pessoa com necessidade educacional especial tivesse espaço na sociedade.

Com base nas leituras feitas pode se concluir que o ensino para uma educação inclusiva de qualidade ainda não está como deve ser de fato. São muitas as dificuldades que rodeiam este ensino, percebe-se que alguns professores não têm uma formação adequada e desconhecem totalmente o significado de inclusão e quais práticas metodológicas utilizarem em sala de aula com alunos que possuem alguma deficiência.

Mesmo havendo algumas mudanças nas práticas de ensino para educação inclusiva, nota-se que as práticas pedagógicas não permitem que os alunos com deficiência possam aprender de acordo com seu ritmo e suas possibilidades, desse modo alguns professores insistem em trabalhar apenas com a tendência tradicional não contribuindo para a aprendizagem significativa dos alunos.

Para que ocorra uma educação inclusiva de qualidade é necessário que os professores façam uma breve reflexão e revejam suas práticas de ensino, devem sempre estar em busca de novos recursos, novas metodologias, novos conteúdos, para que suas aulas se tornem atraentes fazendo os alunos com necessidades educacionais especiais estejam integrados na sala de aula.

É necessário que ao lado da teoria seja trabalhada também a prática, esta tem grande contribuição no processo de ensino e aprendizado dos alunos, ainda que esteja muito distante deles, e isso precisa ser mudado, uma vez que a prática aliada à teoria tem o poder de fazer com que alunos tenham grande participação na construção de uma educação inclusiva significativa.

Os profissionais da educação devem estar engajados em conhecer as necessidades especiais e aprimorar-se em fazer com que o aluno portador de deficiência que necessita de um atendimento especial consiga superar suas próprias limitações.

Faz-se necessária a formação continuada no que diz respeito ao diálogo, sensibilização, orientação e articulação social- educativa na forma de enriquecer a prática ao atendimento de alunos com autismo. Sendo assim, favorecendo uma relação equilibrada dividindo os deveres e responsabilidade entre família e escola.

Essa formação torna-se mais exigente nas especificidades do autismo onde exige que os profissionais da educação devam se mostrar interessados em se comprometer em buscar conhecer o universo autista para que busque novas formas que desenvolva as interações sociais e cognitivas.

O processo de inclusão escolar não deve focar-se nas dificuldades apresentadas pelo aluno autista, mas em suas potencialidades, visto que estas proporcionam maior impacto durante seu desenvolvimento. É importante o olhar atento do professor ao comportamento do aluno autista para que saiba quando algum estímulo está sendo positivo ou negativo, visto que é a partir daí que o profissional poderá intervir da melhor maneira possível.

Vale ressaltar que, a inclusão é um processo contínuo, pois o mesmo tem sempre que o que melhorar a partir de olhares atentos sobre os pontos positivos e negativos. Os pontos positivos devem ser compartilhados com os demais profissionais envolvidos com a inclusão na escola regular, pois os mesmos são exemplos de superação e os pontos negativos também devem ter o mesmo grau de importância, pois é através disso que se pode pensar em outras estratégias para o desenvolvimento no processo de inclusão.

O levantamento dessas questões dá-se por conta de contribuir no processo de inclusivo na rede regular de ensino fazendo com que se torne cada vez melhor no atendimento aos alunos autistas e às demais necessidades educacionais especiais.

Tal tema deve ser abordado como uma forma de contribuir para o processo inclusivo visto que uma escola regular de ensino se mostre empenhada e comprometida com a educação mostrando-se ter um papel importantíssimo para a inclusão de alunos autistas.

Para que o aluno autista desenvolva suas habilidades é necessária uma estrutura escolar eficiente, com o preparo profissional de todos os envolvidos no processo educativo. Como o aluno com autismo tem dificuldades de se adaptar ao mundo externo, a escola deve pensar na adequação desse contexto. Por isso, é necessário que a escola crie uma rotina de situação no tempo e espaço como estratégias de adaptação e desenvolvimento destes alunos.

Vale ressaltar que, a inclusão de crianças autistas no ensino regular ainda é um processo que apresenta grandes dificuldades. É preciso que a escola tenha o interesse de buscar e conhecer novos métodos educacionais para eu assim, as crianças com autismo possa se desenvolver no meio social. É necessário criar maneiras para se transmitir conhecimentos e melhorar a prática pedagógica tornando adequadas em sala de aula.

Assim, pode se salientar que a Inclusão não é apenas colocar o aluno dentro da sala de aula regular, mas adaptá-lo ao contexto, construindo novos conhecimentos de maneira própria e no tempo da criança. A aprendizagem dela deve ser sempre acompanhada pelo docente, para que ambos se relacionem e enriqueçam seus conhecimentos. O professor deve sempre estar em buscas de novas estratégias para que colaborem com o desenvolvimento do aluno autista.

Portanto, para que a educação inclusiva se torne significativa é necessário que os profissionais na área sejam capazes de inovar em suas estratégias e metodologias de ensino, fazendo crescer o direito daqueles que possuem deficiência, para que os mesmos possam exigir mudanças para que se tenha um ensino de qualidade. Dessa forma haverá diversos caminhos para se fazer uma educação inclusiva de qualidade, observando e mostrando as melhores formas para que isso se torne realidade na rede de ensino.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice. **Autismo: atuais interpretações para antigas observações**. In: BOSA, Cleonice. Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 21-39

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. LDB nº 9394, de 20 dez. 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Brasília, DF: Ministério da educação e Cultura. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/19394.htm> Acesso em: 18 out. 2018.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm> Acesso em: 16 set. 2018.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

CAMARGO, S.P.H. & BOSA, C. A. (2009). **Competência Social, inclusão escolar e Autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade, 21 (1).

CARVALHO, Rosita Elder. **O Direito de Ter Direito**. In: Salto para o futuro. Educação Especial: Tendências atuais/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEEP, 1999.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicologia e práticas educativas na escola e na família.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.

CUNHA, Gracielle Rodrigues da; BORDINI, Daniela; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Autismo, transtornos do espectro do autismo.** In: CAETANO, Sheila Cavalcante; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, BriseidaDôgo de. **Autismo, linguagem e cognição.** MÓDOLO, Marcelo (orgs.). Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

FERREIRA, Maria Cecília Carareto; FERREIRA, Júlio Romero. **Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas.** In: GÓES, Maria Cecília Rafael; LAPLANE, Adriana Lia Friszman (Org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva.** Campinas: Autores Associados, 2004. p. 21-48.

FONSECA. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem.** Editora Vozes, 2011.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente.** São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação: saberes Pedagógico/Coordenação Sema Garrido Pimenta).

GADIA, Carlos. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos/coordenação Selma Garrido Pimenta).

LIMA, Francisco José de. **Ética e inclusão: o status da diferença.** In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **Inclusão: compartilhando saberes.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2006. p. 54-66.

LIMA, Francisco José de. **Ética e inclusão: o status da diferença.** In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, José; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de (ORG.). *Inclusão: compartilhando saberes.* Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

SILVA, E.B.A. **Aprendendo a ser mãe de uma criança autista,** 2012

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e comportamento humano.** São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

VILLAMARÍN, A. J. G. **A educação racional: uma contribuição teórica e prática para ajudar os pais a educar os filhos.** Editora AGE, 2001.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

QUESTIONÁRIO

Informações coletadas através de entrevistas com o Gestor, Secretário de Educação e Secretária de Assistência Social da escola de Magalhães de Almeida.

Nome: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

1. Como você define o autismo?

2. Como é realizada a avaliação pedagógica desses alunos?

3. Quais as áreas de desenvolvimento avaliadas?

4. Quais áreas de desenvolvimento desses alunos apresentaram maior necessidade interventiva?

5. Qual foi a adaptação necessária feita pela escola para atender esses alunos?

6. Qual método ou programa de apoio é oferecido para estimular o desenvolvimento desses alunos?

7. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas em se trabalhar com alunos com autismo?

8. Qual aspecto de desenvolvimento é mais difícil de lidar?

9. O que é feito para superar essas dificuldades?

10. Como é o relacionamento da escola com a família do aluno autista?

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

QUESTIONÁRIO

Informações coletadas através de entrevistas com o Gestor, Secretário de Educação e Secretária de Assistência Social da escola de Magalhães de Almeida.

Nome: Kellyane Macêdo
 Sexo: () Masculino (X) Feminino

1. Como você define o autismo?

É quando uma pessoa apresenta características que prejudica sua interação social, afetando sua autonomia e independência.

2. Como é realizada a avaliação pedagógica desses alunos?

Por meio da análise que busque compreender qual o melhor procedimento a ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem.

3. Quais as áreas de desenvolvimento avaliadas?

São a motora, a autonomia e a comunicação funcional entre os outros alunos.

4. Quais áreas de desenvolvimento desses alunos apresentaram maior necessidade interventiva?

Através da área da linguagem.

5. Qual foi a adaptação necessária feita pela escola para atender esses alunos?

A escola busca sempre melhorar suas metodologias para melhor inserir este aluno em sala de aula buscando desenvolver suas habilidades cognitivas.

6. Qual método ou programa de apoio é oferecido para estimular o desenvolvimento

O lúdica onde é (comportamental) possível chamar a atenção desse aluno buscando envolvê-los nas atividades.

7. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas em se trabalhar com alunos com autismo?

As inquietações desse aluno, porque esse aluno às vezes demonstra ter umas inquietações que são difíceis de entender.

8. Qual aspecto de desenvolvimento é mais difícil de lidar?

O comportamento e suas dificuldades na interação com os demais alunos.

9. O que é feito para superar essas dificuldades?

Elaboração de atividades em grupos promovendo a interação com todos na escola.

10. Como é o relacionamento da escola com a família do aluno autista?

O nosso relacionamento com as famílias desses alunos são de total parceria, sempre que necessária pedimos opiniões deles no que diz respeito aos métodos utilizados no processo de desenvolvimento.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

QUESTIONÁRIO

Informações coletadas através de entrevistas com o Gestor, Secretário de Educação e Secretária de Assistência Social da escola de Magalhães de Almeida.

Nome: Michel Candura
Sexo: (X) Masculino () Feminino

1. Como você define o autismo?

É quando uma pessoa apresenta dificuldades na sua interação.

2. Como é realizada a avaliação pedagógica desses alunos?

Bom, é através de avaliações juntamente com os demais alunos de sua mesma sala de aula.

3. Quais as áreas de desenvolvimento avaliadas?

São a cognitivo e a linguagem desses alunos.

4. Quais áreas de desenvolvimento desses alunos apresentaram maior necessidade interventiva?

A área da linguagem e de comportamento.

5. Qual foi a adaptação necessária feita pela escola para atender esses alunos?

Assim que a escola recebe alunos com autismo buscamos sempre melhorar tanto na estrutura da escola como nas metodologias em sala de aula sempre buscando integrar esses alunos com os demais.

6. Qual método ou programa de apoio é oferecido para estimular o desenvolvimento

Alguns métodos são o lúdico utilizando brinquedos e histórias.

7. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas em se trabalhar com alunos com autismo?

A de entender como um aluno com autismo consegue superar suas dificuldades.

8. Qual aspecto de desenvolvimento é mais difícil de lidar?

As limitações desses alunos.

9. O que é feito para superar essas dificuldades?

Através de atividades educativas que promova a interação.

10. Como é o relacionamento da escola com a família do aluno autista?

Buscamos sempre construir uma boa relação entre a família e os alunos, pois a mesma pode nos ajudar no processo de desenvolvimento e da aprendizagem de seus filhos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

QUESTIONÁRIO

Informações coletadas através de entrevistas com o Gestor, Secretário de Educação e Secretária de Assistência Social da escola de Magalhães de Almeida.

Nome: Antonio Júnior
 Sexo: Masculino () Feminino

1. Como você define o autismo?

É uma limitação na interação entre as pessoas, mas sendo estimuladas as dificuldades podem ser superadas.

2. Como é realizada a avaliação pedagógica desses alunos?

É através de atividades em grupos que busque identificar as necessidades que precisam ser superadas.

3. Quais as áreas de desenvolvimento avaliadas?

São a interação, a comunicação e dependência de suas dificuldades.

4. Quais áreas de desenvolvimento desses alunos apresentaram maior necessidade interventiva?

É na área da atenção, da linguagem e da observação.

5. Qual foi a adaptação necessária feita pela escola para atender esses alunos?

Sempre que necessário é feita uma reformulação nas práticas metodológicas para melhor atender as necessidades desses alunos.

6. Qual método ou programa de apoio é oferecido para estimular o desenvolvimento

A leitura de histórias que fazem parte da realidade desse aluno inserindo brinquedos para chamar sua atenção.

7. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas em se trabalhar com alunos com autismo?

É conseguir uma relação de confiança, pois o aluno com autismo demora um pouco para confiar em alguém.

8. Qual aspecto de desenvolvimento é mais difícil de lidar?

A interação deles com os demais alunos na sala de aula.

9. O que é feito para superar essas dificuldades?

Por meio de tarefas que busquem a integração de forma eficaz na inclusão.

10. Como é o relacionamento da escola com a família do aluno autista?

A família sempre está presente no processo de ensino nos ajudando a desenvolver a melhor maneira para ajudar seus filhos a superarem suas dificuldades para conseguirem sua autonomia.